

## In Limine

Para Platão, como para estóicos e epicuristas, a felicidade deriva unicamente dos bens internos, donde se segue que, se estes são ilimitados, e se a sua aquisição depende apenas de cada um, não há qualquer vantagem na rivalidade. Já na ética aristotélica a felicidade procede tanto de bens externos (riqueza, saúde, estatuto social) como de bens internos (virtudes morais e intelectuais); logo, como aqueles são escassos, considerar-se-ão vantajosas as emoções que contribuam para a sua obtenção. Por aqui passa, de certo modo, a distinção entre inveja e emulação, *phthonos* e *zelos*: uma procura bens externos, outra busca bens internos, pois é do reconhecimento do valor alheio que se gera a emulação, desejo de aperfeiçoamento que começa por se satisfazer com a imitação do rival. Menos nítidas aparecem estas fronteiras na situação retórica. Persuadir é mais que convencer e a persuasão necessita dos meios irracionais que conduzem à acção. A *experientia*, singular e contingente, a *opinio*, verdadeira ou falsa, fazem da retórica não uma *scientia*, conhecimento necessário assente em causas firmes e certas, mas uma *ars* que só o *usus* valida quando *res* e *uerba* se acomodam às circunstâncias de pessoa, tempo e lugar<sup>1</sup>. Por isso prestaram os

---

<sup>1</sup> Vd., Perelman – Olbrechts-Tyteca (1970), Ijsseling (1976) e Lempereur (1990).

retos desde sempre grande atenção à análise das paixões e às *differentiae* que justificam a sua nomenclatura. Assim, se na *Ética a Eudemo* o Estagirita define inveja como a tristeza que se sente “por causa daqueles que têm êxito por mérito próprio” (*EE* 1233b 20), já na *Retórica* considera que indignar-se contra quem goza de fortuna imerecida é sinal de bom carácter (*Rhet.* 1386b 8-15), porque importa distinguir *nemesis*, indignação, de *phthonos*, paixão negativa.

Para traduzir estes dois termos gregos, dispunham os latinos de uma palavra, *invidia*, vocábulo formado com o radical do adjectivo *invidus* e do verbo *invidere*, “olhar contra, ver com maus olhos”, “olhar de maneira hostil ou com má intenção”. Situam-se, portanto, no terreno do mal, e do mau-olhado, já que a *invidia* tanto pode ser activa, “malquerença, desprezo, indignação, ciúme, inveja”, como ser tomada em sentido passivo, para designar o “ódio” ou “aversão” de que alguém é objecto. Mas, como adverte Robert Kaster, isoladas estas acepções não são significativas, e na província da retórica a taxionomia das emoções mais que outras requer texto e contexto<sup>2</sup>.

Ora é a versão escrita e desenvolvida dos trabalhos apresentados na segunda edição dos encontros *Symbolon*, realizada no dia 20 de Maio de 2008 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que este volume traz a público, sete estudos sobre textos de autores gregos e latinos que tratam um tema com o seu quê de antipático, mas cujo conhecimento se afigura necessário e actual. Inveja e emulação – permita-se mais este brevíssimo apontamento – marcam narrativas fundacionais como as de Caim e Abel, Esaú e Jacob, Saúl e David ou Rómulo e Remo; explicam dramas como os de Prometeu, Ajax e Coriolano; mostram, lembra-o George Steiner no livro que não escreveu sobre a *invidia*, como até podem motivar etiologias bem sucedidas da própria criação artística e intelectual; os casos mais ou menos ficcionados de Cecco e Dante, Salieri e Mozart ou Heidegger e Husserl, entre tantos outros, parecem atestar a fecundidade de tão agónicas paixões<sup>3</sup>. Ainda que de

---

<sup>2</sup> Sobre a relevância da micro-narrativa, “script”, vd., Kaster (2005), e Konstan-Rutter (2003).

<sup>3</sup> Vd., Steiner (2008: 55-89), e, para o período do Renascimento, Milburn (2002).

forma oblíqua, possa este modesto voluminho contribuir para esclarecer sinais ominosos como as derradeiras palavras das epopeias de Virgílio e Camões: se a *inuidia* de Drances destina Turno ao reino das sombras – *sub umbras*, também o desfavor da pátria metida no gosto da cobiça não deixa de obscurecer a animosa promessa camoniana de cantar el-rei de sorte que Alexandre nele se veja *sem à dita de Aquiles ter enveja*.

Aos autores, provenientes de outras universidades, que aceitaram colaborar neste volume e no colóquio que lhe deu origem, Maria Helena da Rocha Pereira, Virgínia Soares Pereira, João Torrão e Joana Mestre Costa, testemunhamos a nossa gratidão; à Reitoria da UP, à Faculdade de Letras e ao Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românicos agradecemos os apoios e facilidades concedidas.

